



Revista de Saúde Pública

ISSN: 0034-8910

revsp@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Pires Carús, Juliana; França, Giovanny V A; Barros, Aluísio J D
Local e tipo das refeições realizadas por adultos em cidade de médio porte
Revista de Saúde Pública, vol. 48, núm. 1, febrero, 2014, pp. 68-75
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67237023009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Juliana Pires Carús¹Giovanny V A França¹Aluísio J D Barros¹

Local e tipo das refeições realizadas por adultos em cidade de médio porte

Place and type of meals consumed by adults in medium sized cities

RESUMO

OBJETIVO: Descrever as refeições realizadas por adultos quanto ao local e tipo de preparação consumido em cidade de médio porte, do sul do Brasil.

MÉTODOS: Estudo transversal, de base populacional, na cidade de Pelotas, RS, em 2012. A amostragem foi realizada em dois estágios, tendo os setores censitários do Censo Demográfico de 2010 como unidade amostral primária. Foram coletadas informações sobre o local das refeições (em casa ou fora de casa) e sobre o tipo de preparação consumida em casa (comida caseira, lanches, comida de restaurante) nos dois dias prévios à entrevista, utilizando-se questionário padronizado.

RESULTADOS: Participaram do estudo 2.927 adultos: 59,0% mulheres, 60,0% com idade abaixo de 50 anos e 58,0% estava trabalhando. Foram obtidas informações sobre 11.581 refeições nos dois dias anteriores à entrevista, sendo 25,0% delas realizadas fora de casa, no almoço, e 10,0% no jantar. Quanto às refeições realizadas em casa, a maioria dos participantes referiu ter consumido comida preparada em casa, tanto no almoço quanto no jantar. A maioria das refeições fora de casa (64,0% no almoço e 61,0% no jantar) foram realizadas no local de trabalho, majoritariamente preparadas em casa. As refeições fora de casa foram realizadas principalmente por pessoas do sexo masculino, jovens, com alta escolaridade. Quanto à ocupação, os grupos que tiveram refeições mais frequentemente em restaurantes foram trabalhadores do comércio, empresários, professores e profissionais de nível superior.

CONCLUSÕES: Apesar das mudanças que vêm sendo registradas nos padrões de alimentação do brasileiro, adultos residentes em cidades de médio porte ainda se alimentam majoritariamente em casa e de comida caseira.

DESCRITORES: Hábitos Alimentares. Consumo de Alimentos. Comportamento Alimentar. Inquéritos Demográficos. Estudos Transversais.

¹ Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS, Brasil

Correspondência | Correspondence:

Juliana Pires Carús
Rua Marechal Deodoro, 1160 3º piso Centro
96020-220 Pelotas, RS, Brasil
E-mail: julianacarus@yahoo.com.br

Recebido: 29/1/2013

Aprovado: 20/9/2013

ABSTRACT

OBJECTIVE: To describe the meals consumed by adults living in a midsize city in the South of Brazil, according to the place and preparation.

METHODS: A population-based cross-sectional study was conducted in Pelotas, Southern Brazil, in 2012. The two-stage sampling design used the 2010 census tracts as primary sampling units. Data were collected on the place of meals (at home or out) and on the kind of preparations consumed at home (homemade, snacks, take away food) covering the two days prior to the interview, using a standardized questionnaire.

RESULTS: The study included 2,927 adults, of which 59.0% were female, 60.0% were below 50 years of age and 58.0% were in work. Data were collected on 11,581 meals consumed on the two days preceding the interview, 25.0% were consumed outside of the home at lunchtime, and 10.0% at dinnertime. Considering home meals, most participants reported eating food prepared at home at both lunch and dinner. The majority of out-of-home meals (64.0% for lunch and 61.0% for dinner) were consumed in the work place, mostly based on food prepared at home. Individuals eating out of home were mostly male, young and highly educated. The occupational categories that ate at restaurants more often were trade workers, businessmen, teachers and graduate professionals.

CONCLUSIONS: Despite the changes in eating patterns described in Brazil in recent years, residents of medium-sized towns still mostly eat at home, consuming homemade food.

DESCRIPTORS: Food Habits. Food Consumption. Feeding Behaviour. Population Surveys. Cross-Sectional Studies.

INTRODUÇÃO

As alterações no estilo de vida da população, advindas da globalização e da urbanização, provocaram mudanças nos padrões e comportamentos alimentares.^{6-8,13,14} A falta de tempo para o preparo e consumo de alimentos estimulou a indústria alimentícia a desenvolver novas técnicas de conservação e de preparo de alimentos, disponibilizando maior variedade de preparações para consumo rápido.^{7,8,11} Além disso, o consumo de alguns alimentos tornou-se globalizado, sendo introduzidos em diferentes contextos culturais e econômicos.^{8,11,12}

No Brasil, foram observadas mudanças no padrão alimentar dos indivíduos nas últimas décadas, não apenas referente ao aumento no consumo de ultraprocessados,¹¹ mas também quanto ao local onde são feitas as refeições e tipos de preparações consumidas.

Nos Estados Unidos, os gastos com alimentação fora de casa em relação aos gastos totais com alimentos aumentaram de 26,0%, em 1970, para 39,0% em 1996, chegando

a 42,0% em 2002.^a No Brasil, comparando-se os dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) entre 2002-2003 e 2008-2009, também observa-se aumento na despesa média mensal com alimentação fora do domicílio (de 24,1% para 31,1%),^b especialmente em restaurantes que oferecem refeições rápidas, cujo número também cresceu em adaptação a essa demanda.^{4,5}

O objetivo do presente estudo foi descrever as refeições realizadas por adultos quanto ao local e tipo de preparação consumida em cidade de médio porte do sul do Brasil.

MÉTODOS

Realizou-se um estudo transversal descritivo, de base populacional, na cidade de Pelotas, sul do Brasil, no período de fevereiro a junho de 2012. O estudo integrou uma pesquisa sobre a saúde da população de Pelotas,

^aLin B-H, Frazão E, Guthrie J. Away-from-home foods increasingly important to quality of American diet. *Agric Inform Bull* (Washington DC). 1999;(749):1-22.

^bInstituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: despesas, rendimentos e condições de vida. Rio de Janeiro: IBGE; 2010.

denominada de consórcio de pesquisas.² A amostragem foi realizada em dois estágios, tendo os setores censitários do Censo Demográfico de 2010^c como unidade amostral primária. Os setores foram selecionados com probabilidade proporcional ao tamanho, depois de ordenados por localização geográfica. Dentro de cada setor, selecionou-se um número fixo de domicílios de forma a produzir amostra autoponderada.

Para o cálculo amostral, na falta de estimativas locais, foi considerada uma prevalência de 50,0% de refeições fora de casa, que maximiza o tamanho amostral. Foi utilizado um nível de confiança de 95% e erro aceitável de três pontos percentuais, incluindo-se 10,0% para perdas e recusas e uma correção para efeito de delineamento de 1,5. A amostra mínima necessária estimada foi de 1.759 adultos. Dado que o estudo contemplou outros objetivos que demandavam mais indivíduos, o tamanho amostral final foi 3.120 adultos.

As refeições – almoço e jantar – relatadas pelos entrevistados nos dois dias anteriores à entrevista foram estudadas em relação a dois aspectos: (1) local onde foram realizadas (em casa, restaurante a quilo, restaurante *à la carte*, lancheria/pizzaria ou local de trabalho); e (2) tipo de alimentos consumidos. Os tipos foram pré-codificados, o que limitou as opções de resposta. Para refeições feitas em casa, os tipos de alimentos registrados foram: preparação feita em casa, lanches preparados em casa, congelados, marmita e lanches comprados prontos. Para refeições fora de casa foram coletadas informações sobre o local, assumindo-se que nestes casos o local também define o tipo de preparação consumida: restaurante a quilo, restaurante *à la carte*, lancheria, pizzaria, trabalho ou outro local.

Devido à limitação de questões nas entrevistas domiciliares do consórcio de pesquisas, o tipo de preparação consumida no local de trabalho foi investigado em uma subamostra entrevistada por telefone. Essa subamostra foi selecionada de forma sistemática para cada uma das categorias de ocupação. Foram selecionados dez entrevistados de cada categoria, com exceção da categoria de professores, na qual apenas nove indivíduos responderam almoçar no trabalho ou outro local fora de casa, no dia anterior à entrevista. Totalizaram-se, assim, 89 entrevistas telefônicas. Perguntou-se se o entrevistado havia levado comida de casa para o trabalho ou, caso contrário, o local onde a refeição foi realizada e o tipo de preparação.

As variáveis demográficas e socioeconômicas estudadas foram: sexo, idade, escolaridade, nível econômico utilizando-se o Indicador Econômico Nacional (IEN),¹ baseado em bens domésticos e escolaridade do chefe da

família. A classificação de ocupação foi elaborada a partir da Classificação Brasileira de Ocupação (CBO),^d totalizando nove categorias: (1) não trabalha; (2) empregado doméstico, incluindo empregado em geral, faxineiro, cozinheiro, copeiro, babá, vigia, jardineiro, caseiro; (3) serviços gerais e limpeza de empresa; (4) técnico, serviços, comércio: funcionários públicos, motoristas, supervisores, autônomos; (5) empresários, comerciantes: gerentes, microempresários, executivos, diretoria; (6) serviços industriais, construção civil, carga e descarga de caminhão, serralheiro, operários, pedreiro, pintor, eletricista, marceneiro, soldador, carpinteiro; (7) profissionais de nível superior: nutricionistas, advogados, agrônomos, psicólogos, médicos, entre outros; (8) professores, profissionais de ensino; (9) outros: nesta categoria foram agrupadas as ocupações poucos frequentes, como militares das forças armadas, polícia, bombeiros.

A coleta de dados foi realizada por 30 entrevistadoras treinadas. O treinamento teve carga de 40 horas, incluindo a realização de estudo piloto em um setor censitário que não foi selecionado para compor a amostra do consórcio.

Realizou-se controle de qualidade em 10,0% da amostra, por meio de uma segunda entrevista, incluindo um subconjunto do questionário original. A pergunta referente a este trabalho foi: “tem algum dia da semana em que o(a) sr.(a) normalmente almoça fora de casa?”.

As análises foram realizadas utilizando-se o software Stata 12.1, considerando o desenho amostral. Inicialmente, a amostra foi descrita apresentando-se as frequências absolutas e relativas das características socioeconômicas e demográficas dos entrevistados. O percentual das refeições realizadas fora de casa nos dois dias prévios à entrevista foi estimado para o almoço e jantar, estratificado pelas variáveis independentes analisadas. Utilizou-se o teste exato de Fisher para testar diferenças entre os grupos quanto à proporção de refeições fora de casa, adotando-se um nível de significância de 5%.

A partir da subamostra de indivíduos que estavam trabalhando, entrevistada por telefone, estimou-se percentual total de refeições com preparações levadas de casa para consumo no trabalho. Como foi entrevistado um número fixo de pessoas em cada categoria ocupacional, para obter um valor representativo para a população, calculamos o percentual geral ponderado pelo número de indivíduos na amostra em cada grupo ocupacional investigado.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (OF.77/11).

^cInstituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010: famílias e domicílios, resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE; 2012.

^dMinistério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações: estrutura, tábua de conversão e índice de títulos. Brasília (DF); 2002.

As entrevistas foram realizadas nos domicílios, após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

RESULTADOS

Identificaram-se 3.120 adultos elegíveis para o estudo. Destes, 2.927 foram entrevistados, totalizando-se 9,3% de perdas e recusas. Para a pergunta utilizada no controle de qualidade, encontrou-se um índice Kappa de 0,73 ($p < 0,001$).

A Tabela 1 apresenta a caracterização dos entrevistados, dos quais 58,9% era do sexo feminino, 59,7%

Tabela 1. Características socioeconômicas e demográficas da amostra. Pelotas, RS, 2012. (N = 2.927)

Variável	n	%
Sexo		
Masculino	1.203	41,1
Feminino	1.724	58,9
Idade (anos)		
20 a 29	612	20,9
30 a 39	540	18,5
40 a 49	595	20,3
50 a 59	514	17,5
60 a 69	386	13,2
70 a 79	202	6,9
80 ou mais	78	2,7
Escolaridade (anos)		
< 4	316	10,8
4 a 7	747	25,5
8 a 11	1.099	37,6
12 ou mais	762	26,1
Nível econômico ^a (quintis)		
1 (mais pobre)	587	20,2
2	551	19,0
3	591	20,3
4	595	20,5
5 (mais rico)	581	20,0
Ocupação		
Não trabalham	1.234	42,2
Empregado doméstico	150	5,1
Serviços gerais	95	3,3
Técnicos, serviços, comércio	779	26,6
Empresários, comerciantes	105	3,6
Serviços industriais, construção civil	227	7,8
Profissionais de nível superior	162	5,5
Professores, ensino	118	4,0
Outros	56	1,9

^a Indicador Econômico Nacional, baseado em bens domésticos.¹

tinha idade inferior a 50 anos e 63,7% tinha escolaridade acima de oito anos de estudo. Em relação à ocupação, 42,2% não trabalhava, grupo que incluiu estudantes e aposentados, além dos desempregados. O grupo ocupacional mais frequente foi composto por técnicos, serviços e comércio (26,6%), que engloba uma grande variedade de funções e, em seguida, o grupo de serviços industriais e construção civil (7,8%), profissionais de nível superior (5,5%) e empregados domésticos (5,1%).

Para cada entrevistado, questionou-se sobre as refeições – almoço e jantar – realizadas nos dois dias prévios à entrevista. Obtiveram-se informações sobre 11.581 refeições, sendo a proporção de almoço e jantar fora de casa de 25,0% e 9,7%, respectivamente (Tabela 2). Identificou-se que os homens, indivíduos na faixa etária de 20 a 29 anos, aqueles com 12 anos ou mais de estudo, bem como os empregados domésticos apresentaram maiores frequências de almoço fora de casa. Para o jantar, observou-se perfil similar de indivíduos que faziam as refeições fora de casa, exceto quanto à ocupação. Os indivíduos profissionais de nível superior, bem como aqueles com outras ocupações, apresentaram maior percentual de jantar fora de casa. As refeições realizadas fora de casa de segunda a sexta-feira ocorreram predominantemente no almoço (25,2%). No sábado e domingo, o jantar fora de casa foi mais frequente (11,5%).

A Figura apresenta a caracterização das refeições em casa e fora de casa conjuntamente, segundo os grupos de ocupação. O almoço em casa foi o mais comum para todos os grupos, dos quais os que não trabalhavam apresentaram a maior proporção de almoço em casa. Os grupos de empregados domésticos, serviços gerais e serviços industriais apresentaram as maiores frequências de almoços realizados no trabalho ou outro local. Os professores, profissionais de nível superior e empresários ou empregados do comércio, por outro lado, apresentam os maiores percentuais de almoço em restaurantes a quilo. Em relação ao jantar, em todas as categorias houve largo predomínio das refeições realizadas em casa, com maior participação de lanches preparados em casa em comparação com o almoço.

A Tabela 3 apresenta o tipo de preparação das refeições feitas em casa e local das refeições feitas fora de casa. Quando em casa, foram mais frequentes preparações caseiras tanto no almoço, com 95,6% de comida feita em casa, quanto no jantar com 66,5% de comida e 30,1% de lanches preparados em casa. Observou-se que a maioria das refeições fora de casa foram realizadas no trabalho ou outro local, tanto no almoço (64,3%) quanto no jantar (61,1%). O segundo local que se destacou no almoço foi o restaurante a quilo (28,8%) e no jantar a lancheria ou pizzaria com (23,6%).

Tabela 2. Número e percentual de refeições realizadas fora de casa nos dois dias prévios à entrevista. Pelotas, RS, 2012. (N = 11.581)

Variável	Refeições fora de casa			
	Almoço (N = 5.819)		Jantar (N = 5.762)	
	n	%	n	%
Total	1.453	25,0	557	9,7
Sexo		p = 0,002		p = 0,001
Masculino	664	27,8	272	11,5
Feminino	789	23,0	285	8,4
Idade (anos)		p < 0,001		p < 0,001
20 a 29	408	33,5	204	16,9
30 a 39	331	30,8	110	10,3
40 a 49	311	26,4	112	9,5
50 a 59	245	23,9	79	7,8
60 a 69	108	14,0	39	5,1
70 a 79	36	8,9	12	3,0
80 ou mais	14	9,0	1	0,6
Escolaridade (anos)		p < 0,001		p < 0,001
< 4	80	12,7	30	4,8
4 a 7	344	23,0	105	7,1
8 a 11	546	25,0	217	10,0
12 ou mais	483	31,8	205	13,6
Nível econômico ^a (quintis)		p = 0,021		p = 0,233
1 (mais pobre)	240	20,5	113	9,7
2	296	27,0	80	7,4
3	337	28,7	118	10,2
4	298	25,2	123	10,6
5 (mais rico)	269	23,3	121	10,6
Ocupação		p < 0,001		p < 0,001
Não trabalham	272	11,0	139	5,7
Empregado doméstico	144	48,2	30	10,1
Serviços gerais	68	36,6	16	8,7
Técnicos, serviços, comércio	507	35,8	203	13,2
Empresários, comerciantes	74	35,7	30	14,5
Serviços industriais, construção civil	169	37,4	33	7,4
Profissionais de nível superior	106	33,0	53	16,5
Professores	78	33,2	32	13,7
Outros	35	31,5	20	17,8
Dias da semana		p = 0,657		p = 0,020
Segunda a sexta-feira	1.084	25,2	385	9,0
Sábado e domingo	369	24,4	172	11,5

^a Indicador Econômico Nacional, baseado em bens domésticos.¹

Em relação à subamostra dos entrevistados que referiram ter almoçado no trabalho ou em outro local, a maioria respondeu que consumia comida levada de casa, com exceção do grupo ocupacional “outros”. Neste grupo, que inclui majoritariamente militares e policiais, todos os entrevistados referiram almoçar em refeitório. Nos

outros grupos, a proporção de comida levada de casa variou de 70,0% entre empresários a 100% para os grupos de domésticos, serviços gerais e industriais. A proporção média para todos os grupos ocupacionais foi 91,0% de refeições baseadas em comida levada de casa (dados não apresentados).

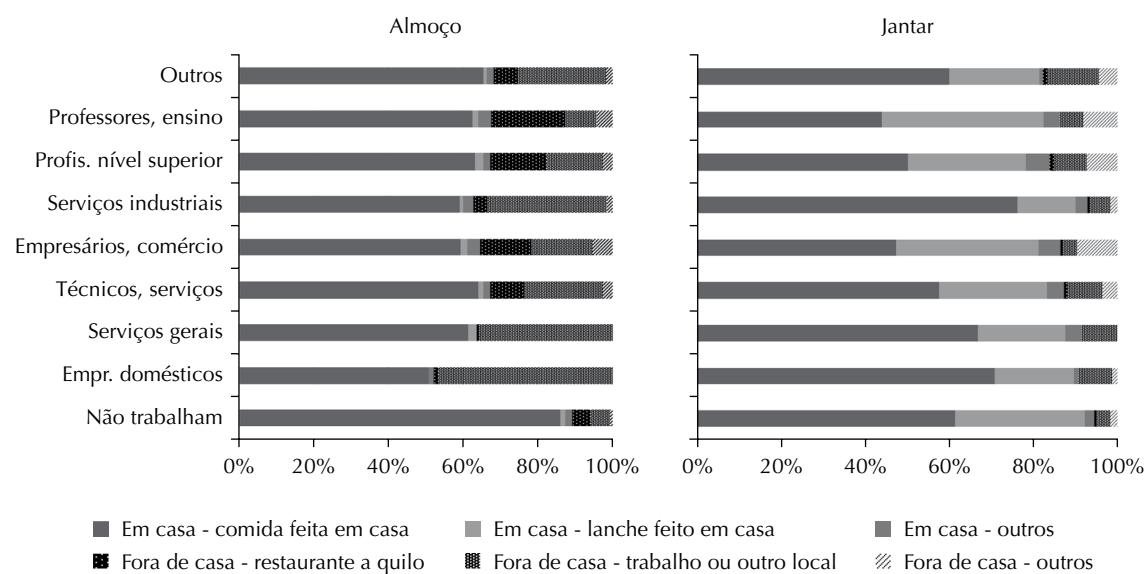


Figura. Local e tipo de refeições realizadas segundo ocupação. Pelotas, RS, 2012. (almoço: N = 5.791; jantar: N = 5.699)

Usando esta estimativa de 91,0% de comida caseira consumida nas refeições no local de trabalho, foi possível avaliar o percentual total de refeições relatadas em que se consome preparações feitas em casa. Neste caso houve 96,5% de consumo de comida caseira. Nas refeições feitas fora de casa, o consumo de comida caseira foi de 55,9%. No total das refeições relatadas, estimou-se 89,4% de consumo de comida caseira.

DISCUSSÃO

Em nosso estudo de base populacional, realizado em uma cidade de médio porte do sul do Brasil, identificaram-se elevados percentuais de refeições realizadas em casa, com consumo majoritariamente de preparações feitas em casa. As refeições fora de casa foram realizadas, predominantemente, no trabalho e em restaurante por quilo. Não se observaram diferenças relevantes em

termos de dia da semana, mas sim quanto às categorias ocupacionais estudadas.

Os resultados encontrados contrariam a percepção geral de que há importante participação de comida pronta e alimentação fora de casa no dia a dia do brasileiro. Este estudo, realizado em cidade de médio porte, reflete uma realidade que, provavelmente, é muito diferente das capitais ou grandes cidades. No cenário estudado, há maior facilidade de almoçar em casa em função dos tempos menores de deslocamento. Além disso, os relatos apontam a inexistência de refeitórios nas empresas.

Estudos realizados em países desenvolvidos que abordam o consumo de refeições fora de casa, como os de Guthrie⁹ e Kant,¹⁰ mostraram que, desde a década de 1970, os padrões alimentares destas populações caracterizaram-se pela diminuição no consumo de refeições preparadas em casa e pelo aumento nas refeições fora

Tabela 3. Tipo de preparação das refeições feitas em casa e local das refeições feitas fora de casa. Pelotas, RS, 2012.

Refeição	Tipo de preparação das refeições realizadas em casa											
	Comida feita em casa		Lanche feito em casa		Marmita		Congelados		Lanches comprados		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Almoço	4.166	95,6	80	1,8	81	1,9	18	0,4	13	0,3	4.358	100,0
Jantar	3.432	66,5	1.556	30,1	23	0,5	27	0,5	126	2,4	5.164	100,0
Local das refeições realizadas fora de casa												
Refeição	Restaurante a quilo		Restaurante à la carte		Lancheria ou pizzaria		Trabalho ou outro local		Total			
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Almoço	413	28,8	68	4,7	31	2,2	921	64,3	1.433	100,0		
Jantar	29	5,4	53	9,9	127	23,6	328	61,1	537	100,0		

de casa. Estudo na Bélgica encontrou que 35,0% de indivíduos consomem mais de 25,0% de sua ingestão calórica diária fora de casa.¹⁴

Estudos brasileiros também têm mostrado altos percentuais de consumo de alimentos fora de casa, da ordem de 40,0%^e com associação positiva entre comer fora de casa e excesso de peso.⁴

Observa-se, no entanto, que apenas 16,0% da energia total consumida é proveniente da alimentação fora de casa. Isso pode ser explicado pelo tipo de alimento consumido com apenas 28,0% das refeições realizadas em restaurantes, independentemente do tipo de refeição consumida – rápida, a quilo ou outros.³

No presente estudo, observou-se que cerca de 90,0% das refeições relatadas nos dois dias prévios à entrevista se baseiam em comida caseira. Este achado se contrapõe à ideia que tem se formado a partir da literatura³ de que o aumento de gasto com alimentos comprados prontos e alimentação fora de casa signifique que o consumo de comida pronta ou industrializada seja elevado no Brasil. É inegável que a importância desse tipo de alimento vem crescendo, mas o gasto crescente não implica (não se usa em neste caso) consumo majoritário desse tipo de alimento. Além disso, o preço do alimento pronto para consumo, especialmente o industrializado, é muito alto no Brasil, o que acaba restringindo sua utilização pela maioria da população, mas faz com que do ponto de vista de gasto, o percentual seja muito maior do que o percentual de consumo alimentar. Nossa estudo refere-se aos adultos e as questões foram individualmente aplicadas, garantindo a identificação do consumo individual de refeições e não familiar, como acontece nos estudos de gastos com alimentos. No contexto em estudo, de uma cidade de médio porte e do interior, a comida caseira é predominante na alimentação dos indivíduos.

Mesmo nos Estados Unidos, em que a preparação rápida é bastante adotada, estudo das tendências de comer fora de casa mostrou que o número médio de refeições fora de casa por semana passou de 2,5 para 2,8 entre 1987 e 2000 e que o percentual de indivíduos que faz seis ou mais refeições fora de casa variou de 12,0% a 15,0%, no mesmo período.¹⁰ A partir dessas informações conclui-se que grande percentual das refeições nos Estados Unidos também é feita em casa, embora não haja informações sobre as preparações consumidas.

Algumas limitações precisam ser consideradas ao interpretar os resultados deste estudo. A maior delas foi a preparação do alimento consumido no local de trabalho não ter sido investigada. Essa informação foi obtida posteriormente, a partir de uma subamostra. Ainda assim, o panorama que se apresenta é inequívoco. A escolha de dois dias anteriores à entrevista privilegiou a capacidade de recordar com precisão o que foi consumido, mas apresenta inconvenientes. Primeiro, o fato de serem dois dias consecutivos, incluindo na maioria dos casos dois dias de trabalho. Segundo, a sexta-feira e o sábado acabaram sub-representados, visto que um menor número de entrevistas foi realizado no domingo. Além disso, verificar os alimentos consumidos individualmente nos dois dias anteriores não explica o consumo de refeições realizadas, mas quando verificada por grupos de pessoas, permite caracterizar as refeições numa semana típica do consumo.

A interpretação dos nossos resultados também precisa levar em conta que apenas as refeições principais (almoço e jantar) foram investigadas. Não se levantou informação sobre lanches, petiscos ou outros alimentos. Essa abordagem com foco no local e tipo de preparo das refeições principais contrasta com a maior parte da literatura disponível, que, usando dados de inquéritos nacionais, se concentra no grupo alimentar e em seu conteúdo calórico.^{3,4}

Buscamos também avaliar de forma mais detalhada as diferenças por categoria ocupacional, visto que esse é um recorte relevante para o desenho de políticas de saúde. Verificamos que há diferenças importantes, e que os grupos de empregados domésticos, industriais, da construção civil e de serviços gerais – justamente os menos especializados – são os que mais consomem preparações caseiras. Grupos mais especializados e os trabalhadores do comércio, por outro lado, fazem uso de restaurantes a quilo com mais frequência.

Esse conjunto de informações deve servir para orientar novos estudos que aprofundem esse panorama e para não deixar que o eixo de políticas de prevenção da obesidade e de orientação sobre alimentação negligencie o ambiente doméstico e o preparo caseiro de alimentos. Afinal, é nesse contexto que a grande maioria das refeições de adultos está sendo planejada e preparada.

^eInstituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE; 2011.

REFERÊNCIAS

1. Barros AJD, Victora CG. A nationwide wealth score based on the 2000 Brazilian demographic census. *Rev Saude Publica.* 2005;39(4):523-9. DOI:10.1590/S0034-89102005000400002
2. Barros AJD, Menezes AMB, Santos IS. O Mestrado do Programa de Pós-graduação em Epidemiologia da UFPel baseado em consórcio de pesquisa: uma experiência inovadora. *Rev Bras Epidemiol.* 2008;11(Supl 1):133-44. DOI:10.1590/S1415-790X2008000500014
3. Bezerra IN, Sichieri R. Eating out of home and obesity: a Brazilian nationwide survey. *Public Health Nutr.* 2009;12(11):2037-43. DOI:10.1017/S1368980009005710
4. Bezerra IN, Sichieri R. Characteristics and spending on out-of-home eating in Brazil. *Rev Saude Publica.* 2010;44(2):221-9. DOI:10.1590/S0034-89102010000200001
5. Bleil SI. O padrão alimentar ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. *Cad Debate.* 1998;6:1-25.
6. Dave JM, An LC, Jeffery RW, Ahluwalia JS. Relationship of attitudes toward fast food and frequency of fast-food intake in adults. *Obesity (Silver Spring).* 2009;17(6):1164-70. DOI:10.1038/oby.2009.26
7. Diez Garcia RW. Práticas e comportamento alimentar no meio urbano: um estudo no centro da cidade de São Paulo. *Cad Saude Publica.* 1997;13(3):455-67. DOI:10.1590/S0102-311X1997000300021
8. Diez Garcia RW. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. *Rev Nutr.* 2003;16(4):483-92. DOI:10.1590/S1415-52732003000400011
9. Guthrie JF, Lin BH, Frazao E. Role of food prepared away from home in the American diet, 1977-78 versus 1994-96: changes and consequences. *J Nutr Educ Behav.* 2002;34(3):140-50. DOI:10.1016/S1499-4046(06)60083-3
10. Kant AK, Graubard BI. Eating out in America, 1987-2000: trends and nutritional correlates. *Prev Med.* 2004;38(2):243-9. DOI:10.1016/j.ypmed.2003.10.004
11. Monteiro CA, Levy RB, Claro RM, Castro IR, Cannon G. A new classification of foods based on the extent and purpose of their processing. *Cad Saude Publica.* 2010;26(11):2039-49. DOI:10.1590/S0102-311X2010001100005
12. Monteiro CA, Levy RB, Claro RM, Castro IR, Cannon G. Increasing consumption of ultra-processed foods and likely impact on human health: evidence from Brazil. *Public Health Nutr.* 2011;14(1):5-13. DOI:10.1017/S1368980010003241
13. Ortiz-Hernandez L, Gomez-Tello BL. Food consumption in Mexican adolescents. *Rev Panam Salud Publica.* 2008;24(2):127-35. DOI:10.1590/S1020-49892008000800007
14. Vandevijvere S, Lachat C, Kolsteren P, Van Oyen H. Eating out of home in Belgium: current situation and policy implications. *Br J Nutr.* 2009;102(6):921-8. DOI:10.1017/S0007114509311745

Estudo financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES – Bolsa de estudo nível mestrado – PROEX 337/2010).

Artigo baseado na tese de mestrado de Carús JP, intitulada: “Caracterização de refeições realizadas em casa e fora de casa por adultos”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas, em 2013. Os autores declaram não haver conflito de interesses.